

# PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA DO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE CAMPONESES DO MACIÇO COLOMBIANO

Diana Carolina Cadena Bastidas<sup>1</sup>  
Vanilde Ferreira de Souza-Esquerdo<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar o modelo de produção realizado pelos membros da Associação de Apicultores do Maciço Colombiano - APIMACIZO a partir do marco teórico da agroecologia. É importante sublinhar que embora a maioria dos agricultores não conheça sobre o marco conceitual da agroecologia, verificamos que eles possuem um profundo respeito pela natureza, procurando conectar a conservação dos recursos naturais e a produção agrícola, garantindo a sustentabilidade do agroecossistema. Esse respeito pela natureza é uma das características importantes do campesinato, que convive de forma harmoniosa com a natureza. Desta forma, acreditamos que a agroecologia faz parte do cotidiano da maioria das famílias.

**Palavras-chave:** agroecologia, campesinato, recursos naturais.

## Abstract

The purpose of this chapter was to analyze the production model made by the members of the Association of Beekeepers of the Colombian Massif -APIMACIZO- from the theoretical framework of agroecology. It is important to highlight that although the majority of farmers do not know about the conceptual framework of agroecology, it was evident that they have a deep respect for nature, trying to connect the conservation of natural resources and agricultural production, guaranteeing the sustainability of the agroecosystem. This respect for nature is one of the important characteristics of the peasantry, which lives close to nature. In this way, we believe that agroecology is part of the daily life of most families.

**Keywords:** agroecology, peasantry, natural resources

## 1. INTRODUÇÃO

Os camponeses, por tradição, possuem forte relação com o trabalho na terra, pois têm uma forma particular de utilizar seus recursos naturais e de desenvolver um tipo de economia interna; este tipo de lógica interna de produção pode variar dependendo do contexto regional, cultural, social, econômico e político no qual estão inseridos. Um dos autores precursores de estudos camponeses foi Alexander Chayanov, que caracterizou a economia camponesa em sua obra *La Organización de la Unidad Económica Campesina*.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas- Feagri/Unicamp, e-mail: [diana.bastidas@feagri.unicamp.br](mailto:diana.bastidas@feagri.unicamp.br)

<sup>2</sup> Professora Doutora da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas- Feagri/Unicamp, e-mail: [vanilde.esquerdo@feagri.unicamp.br](mailto:vanilde.esquerdo@feagri.unicamp.br)

<sup>3</sup> Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado da primeira autora, com orientação da segunda autora. Pesquisa financiada pela CAPES -Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Para Chayanov (1985), o eixo central da organização da unidade econômica camponesa é a família, já que “a composição familiar define antes de tudo os limites máximo e mínimo do volume de sua atividade econômica” (Chayanov, 1985:47), portanto é na família em suas relações sociais que se baseiam as comunidades camponesas. Assim como mencionou Woortmann (2001:7), “a lógica da atividade econômica camponesa é distinta e mesmo oposta àquela da economia capitalista, o que se deve ao caráter familiar da unidade de produção”.

No caso do município de La Vega, Cauca, um grupo de camponeses pertencentes à Associação de Apicultores do Maciço Colombiano –APIMACIZO - é um exemplo de como se vão tecendo as relações ao redor da produção rural. São moradores das imediações da Cordilheira Central, uma região montanhosa do sul da Colômbia onde a paisagem predominante são suas várias fontes de água, amplas áreas florestais e sua diversidade de fauna e flora. É nessa área onde encontramos sistemas agrícolas que podem ser assimilados quase como um sistema natural, uma expressão de bosque. Em outras palavras, no lugar de existir uma especialização ou monocultura agrícola como poderia ser o café, a diversidade do entorno não somente é aproveitada, como potencializada, oferecendo um valor agregado aos cultivos que são intercalados. Portanto, as relações sociais procuram a satisfação das necessidades materiais, sendo necessária a apropriação dos recursos naturais para a sua transformação produção em bens, os quais tem um valor de uso histórico e cultural devido à relação direta com o saber (GONZÁLEZ e SEVILLA-GUZMÁN, 2005).

Assim, o presente artigo objetivou analisar o modelo de produção desenvolvido pelos camponeses da APIMACIZO a partir do marco teórico da agroecologia, tendo em vista que esta teoria nos permite abranger os sistemas agrários em uma perspectiva holística, descrevendo as relações entre múltiplos elementos que se envolvem no momento da produção de alimentos pelos camponeses (SEVILLA-GUZMÁN, 2008).

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. O Macizo Colombiano**

O departamento do Cauca <sup>3</sup> apresenta grande heterogeneidade biofísica, socioeconômica e cultural. Em sua fisiografia se destaca a Cordilheira Central, que se estende de sul a norte, formando-se entre os limites dos departamentos de Cauca, Huila e Nariño, o que se conhece como *El Macizo Colombiano*. O Maciço é um ecossistema estratégico tanto para o desenvolvimento de Cauca quanto para todo o país, uma vez que nele nascem as principais bacias hidrográficas da Colômbia, que dão origem aos rios Magdalena, Cauca, Caquetá e Patía, que fluem para todos os pontos cardeais, abastecendo 70% da população colombiana (FIGUEROA e ZAMBRANO, 2001; DOMINGUÉZ, 2001).

### **2.2. Associação de Apicultores do Maciço Colombiano –APIMACIZO-**

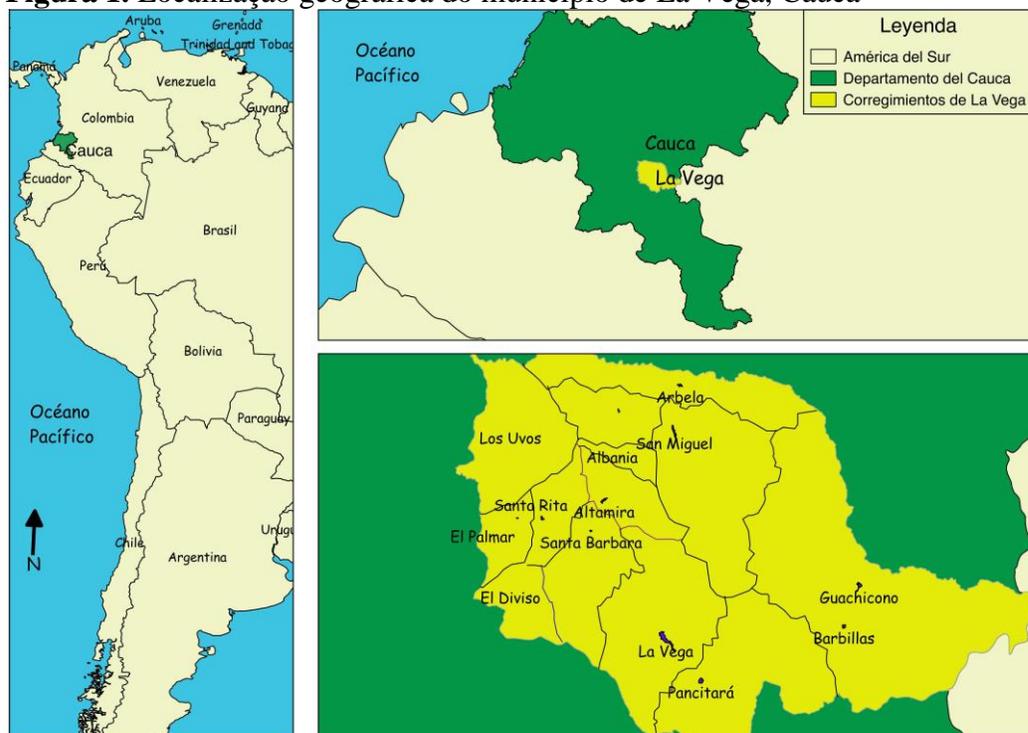
A Associação de Apicultores do Maciço Colombiano – APIMACIZO é produto de um longo processo de trabalho comunitário no município de La Vega, Cauca. Essa iniciativa nasceu a partir da experiência da prática agrícola de um grupo de camponeses que utilizaram essa atividade como complemento à agricultura, cujo conhecimento foi herdado

---

<sup>3</sup> Departamento é equivalente a Estado para o Brasil.

do padre Armando Wolf, no ano de 1960. Embora o grupo tenha sido criado em 2007, somente em 2008 passou a se pensar em uma Associação, para finalmente em 2009 ser reconhecido juridicamente com o nome de APIMACIZO.

**Figura 1.** Localização geográfica do município de La Vega, Cauca



**Fonte:** Elaboração própria a partir do Sistema de Informação Geográfica para o Planejamento e o Ordenamento Territorial (Colômbia) –SIGOT.

### 2.3. Instrumentos de coleta de dados

A metodologia aplicada neste artigo foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro, se fez uma revisão bibliográfica dos trabalhos realizados nas comunidades camponesas que se apropriaram da natureza para a produção rural. Além disso, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o conceito de Agroecologia, especialmente sobre a realidade colombiana: suas variantes e como esta ciência é verificada e percebida em comunidades camponesas, com ênfase nos camponeses dos Andes.

Em um segundo momento foram aplicados questionários semiestruturados às 41 pessoas, que representam uma família, da APIMACIZO, onde cada “unidade familiar de produção”<sup>4</sup> foi entendida como o produto da construção social e a da coevolução do homem e com a natureza (SEVILLA-GUZMAN, 2006; GONZALES DE MOLINA, 2011).

<sup>4</sup> Nesta pesquisa, ao abordarmos o tema da agroecologia, consideramos a unidade familiar produtiva como o equivalente a agroecossistema, que é a unidade de análise da agroecologia e é definido como um ecossistema artificial resultado de uma construção social, produto da coevolução dos seres humanos com a natureza. Em outras palavras, é produto da manipulação socialmente organizada de um ecossistema para a produção de biomassa útil e, como tal, reflexo de relações da natureza sócio-ecológicas (GONZALES DE MOLINA, 2011).

Para a análise das unidades familiares produtivas dentro do enfoque teórico da agroecologia o conceito utilizado foi “estratégia de usos múltiplos” proposto por Toledo (1985), o qual permite analisar como cada família camponesa consegue dentro da sua unidade produtiva organizar seus recursos produtivos e seu trabalho garantindo um fluxo contínuo de bens, matéria e energia em seu entorno, para assim manter e reproduzir suas condições materiais e imateriais de existência (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015: 73).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Unidade familiar produtiva: o “agroecossistema” nos sistemas produtivos da APIMACIZO**

A partir dos dados coletados foi evidenciado que 80,5% dos camponeses da Associação não possuíam conhecimento sobre o conceito da Agroecologia ; porém oito entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre esse tema. Isto nos permitiu indagar mais a respeito da compreensão sobre a agroecologia por parte deste último grupo. A metade deles expressou que agroecologia era o mesmo que agricultura orgânica, enquanto a outra metade respondeu que era uma forma de produção sustentável. Claro que a agroecologia enquanto ciência vai além da questão técnica e ambiental, uma vez que o saber tradicional é igualmente importante, contudo é pertinente compreendermos que a natureza está inserida no dia a dia desses camponeses, assim nada mais natural do que a associação da agroecologia com o meio ambiente.

Quando questionados sobre o significado das florestas, a resposta mais recorrente para os camponeses da APIMACIZO foi “vida”, resposta que não fica só no âmbito discursivo, os associados estão sempre à procura do equilíbrio entre a natureza e seus sistemas de produção.

Ao analisarmos as estratégias de produção que têm sido realizadas pelos camponeses da APIMACIZO, e entendendo que a agroecologia reconhece o papel dos processos históricos na produção agrícola e das especificidades de cada sistema produtivo, é fundamental reconhecer, por sua vez, como a geografia possui um papel predominante nas relações sociais e produtivas da região, tendo como fio condutor o conhecimento do entorno. Como é mencionado por Toledo (2005), os saberes locais que tem se desenvolvido no percurso do tempo em comunidades camponeses são essenciais para manter a heterogeneidade paisagística, a diversidade nas práticas produtivas, permitindo uma determinada sustentabilidade baseada na resiliência.

O papel da geografia na vida dos povos assentados nessa região parece ter sido sempre um fator decisivo. Autores como Juan Friede (citado por Nates, 2000), referia-se aos “povos originários” que povoaram a região do Maciço antes da chegada dos europeus, como coletividades baseadas em relações sócio-ecológicas; isto é, grupos que conseguiam obter variedade de produtos da terra graças aos diferentes “pisos térmicos”<sup>5</sup> onde estavam assentados. Buenahora (2003) também concorda com Friede no sentido que aqueles povos

---

<sup>5</sup> Pisos térmicos fazem referência a um sistema de medição, no qual se relaciona a altitude, clima com o tipo de produção agrícola.

tinham como estratégia de reprodução a articulação social e ecológica com a Cordilheira dos Andes, dando ênfase na hipótese da “complementariedade ecológica”, entendendo como a forma de maximizar o acesso direto dos recursos econômicos, sociais, ecológicos através de uma faixa vertical, uma forma diferenciada de percepção do espaço (ROMERO, 1994).

Uma das formas de articulação social e ecológica observada nas unidades familiares produtivas foi evidenciada ao caracterizar as 41 propriedades. A maioria das famílias (56,10%) afirmaram “ter várias propriedades”<sup>6</sup> destinadas para produção agrícola nos diferentes pisos térmicos que existem no município. Entretanto, mais do que donos de várias propriedades de terras no sentido estrito de propriedade privada, evidenciou-se que os camponeses têm acesso a várias propriedades pelas distintas formas de trabalho, como é o “trabajo en sociedad o a medias” que é uma forma de trabalho coletivo baseado na reciprocidade o qual consiste: em duas pessoas concordam em trabalhar em sociedade, sendo um dos envolvidos o que entra com a propriedade ou terra, enquanto a outra pessoa entra com o conhecimento. Desta forma, se dá um equilíbrio tanto no trabalho quanto na contribuição à “sociedade”, assim, no momento de investir neste tipo de sociedade, a participação se deu por igual, tanto no que se refere ao trabalho como nos ganhos.

Por este motivo, ao indagar sobre o tamanho das supostas propriedades que “eles tinham”, a resposta sempre era de desconhecimento ou imprecisão, logo, muitos deles trabalhavam em parcelas as quais não eram donos, mas eram sócios na produção. Esta forma de se relacionar com o em torno se dá tanto para aproveitar a variedade de pisos térmicos quanto para produzir diferentes cultivos que por restrições do clima limitam a produção, trata-se também de uma estratégia para poder produzir outros produtos de importância mercantil, como o café e o mel.

**Tabela 1:** Relação de famílias e número de propriedades

<b>Número de propriedades</b>	<b>Total de famílias que têm várias propriedades</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>2</b>	14	60,9
<b>3</b>	3	13,0
<b>4</b>	5	21,7
<b>8</b>	1	4,3
<b>TOTAL</b>	23	100

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017.

Outra forma de articulação social e ecológica está relacionada ao “cambio de mano”, forma de trabalho equiparável ao descrito por Cândido (2010) ao se referir ao

<sup>6</sup>Fals Borda descreve esta forma de acesso a diferentes propriedades como fragmentação da exploração, onde existem “várias parcelas separadas que formam uma mesma exploração” (Fals Borda, 1978: 86).

“mutirão” como trabalho coletivo vicinal, que é uma forma de resolver o problema de mão-de-obra limitada com a ajuda de um grupo de vizinhos, que consiste:

essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc.[...]. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram (CANDIDO, 2010: 82).

Por tanto esta forma de trabalho torna possível às famílias terem acesso a alguns produtos que não são produzidos nas suas propriedades. Por exemplo, ao oferecer ou prestar ajuda na colheita de algum produto, as pessoas são retribuídas com uma pequena parte da produção, como no caso da apicultura, onde retribui-se com uma quantidade de mel quando se necessitar, na região os períodos de colheita de mel não são iguais entre os apicultores.

Historicamente, a mobilidade dos moradores do Maciço Colombiano tem sido tema de diversas análises e explicações, em função da produção agrícola a partir de diferentes gradientes de altitude. Para alguns autores como Tocancipá (2015), a mobilidade também foi observada nos municípios de Sucre, departamento<sup>7</sup> do Cauca, também localizados na região do Maciço. De acordo com este autor, é um “costume [...] ter um ‘pedacito’ ali, outro ‘pedacito’ lá” (TOCANCIPÁ, 2015: 42).

Retomando a discussão da agroecologia, Aristide (2009) afirma que o conceito da agroecologia conhece o papel da história dentro dos processos de apropriação por comunidades camponesas, considerando os processos históricos como a base teórica e epistemológica dela. Assim, tanto a forma de classificar seus cultivos com base nos pisos térmicos, quanto encontrar uma forma de ter acesso a eles é o resultado de uma cultura rural de apropriação dos recursos naturais, um saber autóctone que articula o conhecimento em sistemas de ideias, saberes e percepções dentro de contextos geográficos, ecológicos, sociais, políticos e culturais específicos (LEFF, 1993). Isto significa que esta forma de produção encontra-se dentro do conceito de estratégia de usos múltiplos proposta por Toledo (1985), que descreve como as famílias de produtores rurais reconhecem, atribuem e organizam seus recursos produtivos, sem especializar-se em nenhum tipo de produção, apenas aproveitando a diversidade de recursos de seu entorno, combinando seus conhecimentos sobre a geografia e a vegetação, os quais vão permitir identificar “unidades de paisagem” e influenciar na tomada de decisão sobre seu território (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015:75).

Apesar de encontrar essas características sociais e ecológicas na produção rural dos camponeses da APIMACIZO, também deve-se verificar até que ponto se poderia considerar como um sistema de produção agroecológico. Portanto, e a partir dos dados analisados, foi evidenciada a dependência de algumas famílias pelo uso de fertilizantes químicos para a produção do café. A mudança na forma do cultivo do café tem relação com os processos de modernização capitalista da agricultura na Colômbia, como é mencionado por Palácios (2009), é através da Federación Nacional de Cafeteros de Colombia<sup>8</sup> no ano de

---

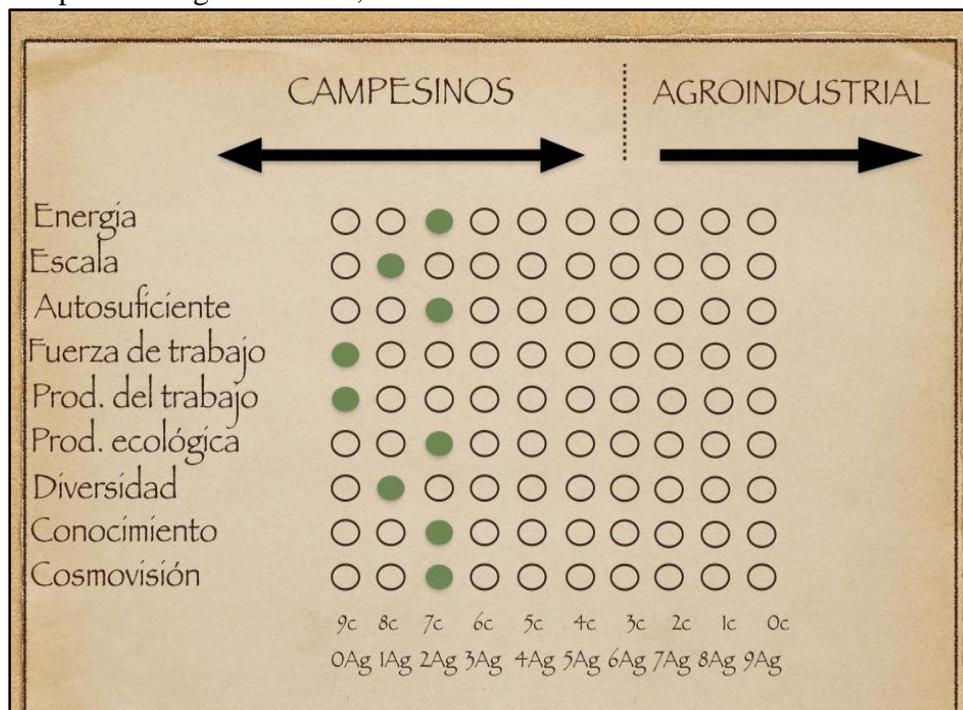
<sup>7</sup> O equivalente a departamento no Brasil seria Estado.

<sup>8</sup> A *Federación Nacional de Cafeteros* é uma entidade sem fins lucrativos que busca os melhores interesses

1960 que foi introduzido o “pacote da revolução verde” na cafeicultura colombiana. Embora, segundo os membros da APIMACIZO foi em 2010 onde eles perceberam a mudança mais significativa dentro da produção de café, que foi quando eles receberam sementes, adubação química, assessoria técnica e acesso a empréstimos destinados à renovação dos cafezais, por todo o exposto, significa dizer que alguns os camponeses aderiram ao pacote da “revolução verde”. Porém isso não implica que anteriormente eles não tiveram contato com o processo de modernização capitalista na agricultura, mas foi apenas em 2010 que sentiram a ruptura entre suas práticas tradicionais com as “novas práticas. Neste sentido, percebemos que a cultura do café nesta localidade é aquela que promove a maior integração dessas famílias com a produção da agricultura industrial.

Para esta realidade foi adaptado o esquema analítico proposto por Toledo e Altieri (2010) onde se estabelecem algumas características da agricultura camponesa, sendo analisadas a partir de um gradiente que vai do modo de apropriação camponesa ao modo de produção agroindustrial (TOLEDO e ALTIERI, 2010:175).

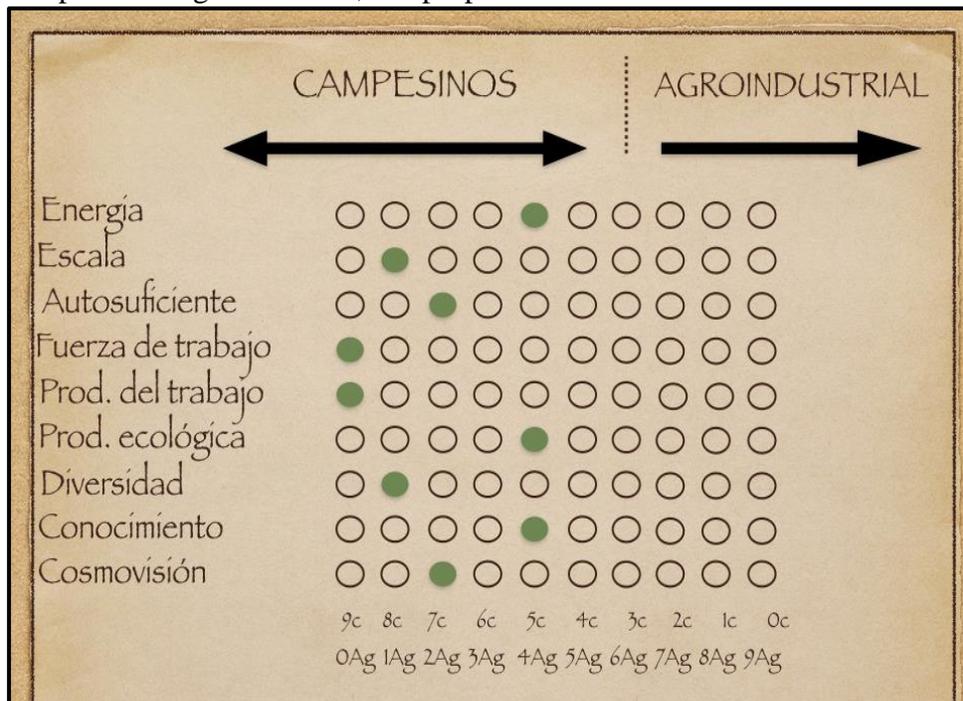
**Figura 2:** Características da agricultura camponesa em gradiente do modo de apropriação camponês ao agroindustrial, estudo de caso APIMACIZO.



**Fonte:** Dados de pesquisa, adaptado de TOLEDO e ALTIERI, (2010:175).

dos cafeicultores a nível nacional e internacional. Esta tem dependências estaduais que são chamadas de *Comités departamentales de Cafeteros* e se encontram nos 15 estados, que tem infraestrutura administrativa e fazem trabalhos de extensão em cada um desses estados. Obtido de <https://www.federaciondecafeteros.org/index.php?fnc/glosario> , acesso em 27 de julho de 2017.

**Figura 3.** Características da cultura do café em gradiente do modo de apropriação camponês ao agroindustrial, nas propriedades familiares dos membros da APIMACIZO



**Fonte:** Dados de pesquisa, adaptado de TOLEDO e ALTIERI, (2010:175).

A figura 2 analisa até que ponto os camponeses têm conseguido resistir às pressões da modernização capitalista na agricultura, ou seja, a transição de uma comunidade que pratica agricultura aos moldes camponeses à agricultura industrial. Para nosso caso, a figura 2 tem nove características, que os autores afirmam ser resultado de uma abordagem sócio-ecológica em que essas características são fundamentais e devem ser consideradas como atributos de diferenciação entre o modo de produção camponês e o agroindustrial ou moderno (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). Essas nove características são confrontadas com os gradientes da modernização, cuja nota atribuída é de 0Ag ao 9Ag. A nota 9Ag faz referência às comunidades rurais que adotaram as monoculturas especializadas com alta dependência de energia e insumos externos. É por essa razão que é confrontado com o item superior, ou seja os “fatores camponeses”, deste modo para a nota 9Ag o fator atribuído referente ao fator camponês é 0c (TOLEDO e ALTIERI, 2010:174).

A partir dos critérios escala, grau de autossuficiência, tipo de força de trabalho, sistemas de conhecimento e cosmovisão, além da fonte de energia e produtividade ecológica e do trabalho, é possível fazer uma análise mais rigorosa desses dois modos historicamente configurados e altamente contrastantes (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015:62). Desta forma, após de uma rigorosa análise dos agroecossistemas implementados pelas famílias da APIMACIZO verificamos que como sistema agrário total ou seja toda as unidades familiares produtivas pesquisadas transitam entre o 0Ag e 2Ag. Isto é devido à produção de café, o qual faz com que fiquem dentro do gradiente 2 Ag, já que a produção de café está mais inserida na agricultura industrial, de fato esta é a única cultura dos camponeses que precisa fertilização química, necessitando desta forma de um aporte energético externo maior, o que os torna menos autossuficientes e ecológicos, pois o café é o segundo produto comercializado pela famílias pesquisadas, tendo uma participação

importante na composição da renda dessas famílias. Apesar disso, dentro da análise também se reconhece que as relações de trabalho nessa comunidade são baseadas no trabalho familiar e de vizinhança, além de manter as culturas alimentares que são fundamentais para a reprodução familiar deste campesinato e por isso que eles ainda conseguem ficar no gradiente 0 Ag.

Por outro lado, na figura 3 a avaliação foi feita dentro das mesmas unidades familiares produtivas, mas unicamente analisando a produção de café. Tendo como resultado que sistema produtivo do café transita entre o gradiente 0 Ag e 4 Ag, devido à alta dependência de energia externa que o cultivo requer, isso implica que não é uma cultura autossuficiente e, portanto, sua produção não é ecológica. Isso se deve em parte, porque implementam uma cafeicultura dependente de adubação química durante todo o processo do café (plantio, tratos culturais, colheita e venda). Apesar das propriedades serem pequenas, diversificadas e de manter relações de trabalho familiar e de vizinhança que são baseadas na reciprocidade, se evidencia uma forma parcial de produção no modo agroindustrial, sobretudo com o café. Embora é importante esclarecer que eles não utilizam nenhum tipo de agrotóxico, também se deve considerar que embora os camponeses dependam, no caso do café, dos fertilizantes para a produção, o fato de “resistirem” e não ingressarem por completo no modo agroindustrial mantendo a diversificação em suas propriedades, conservando ainda variedades crioulas, permitiria aos membros da APIMACIZO, mais facilmente, uma reconversão da cultura do café para um modo de produção baseado na agroecologia.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa o conceito de agroecologia nos foi importante para entender a produção agrícola desenvolvida pelos camponeses da APIMACIZO, e assim verificarmos as relações sociais e ecológicas na produção rural que eles desenvolvem.

A agroecologia ao considerar os saberes locais dos camponeses nos possibilitou uma análise histórica da agricultura desenvolvida pelos membros de APIMACIZO, onde foi verificado e reafirmado o amplo conhecimento das práticas agrícolas desenvolvidas por eles, assim como as transformações que esses camponeses têm sofrido nas suas unidades familiares produtivas.

Contudo, verificamos que os camponeses possuem profundo respeito à natureza ao não abandonarem práticas produtivas tradicionais (plantio na floresta, consórcio com outras culturas, diversidade de espécies, culturas crioulas) e relações de trabalho tão importantes quando abordamos esse tema, como as relações de trabalho baseadas na solidariedade e reciprocidade entre os familiares e os vizinhos.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALTIERI, Miguel. **Bases científicas para una agricultura sustentable**. Montevideo: Ed. Nordan- Comunidad, 1999. 325p.

ALTIERI, M; TOLEDO, V.M. La revolución agroecológica de América Latina : Rescatar la naturaleza, asegurar la soberanía alimentaria y empoderar al campesino. **Revista el Otro derecho**, Colombia, n.42, p. 163-202, dic. 2010

ARISTIDE, Pablo. **Procesos históricos de cambio en la apropiación del territorio en Figueroa (Santiago del Estero, Argentina, Chaco semiárido)**. 2009. 71 f. Disertación (master en Agroecología: un enfoque sustentable de la agricultura ecológica)- Universidad Internacional de Andalucía, España. 2009.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Nueva Visión, 1985. 342p.

FALS BORDA, Orlando. **Campesinos de los andes: Estudio sociológico de Saucío**. Bogotá: Punta de lanza, 1978. 364p.

GONZALEZ, M. V. **AGROECOLOGÍA: saberes campesinos y agricultura como forma de vida**. Universidad Autónoma de Chapingo. México, 2008.177p.

GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel; GUZMÁN-SEVILLA, Eduardo. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Expressão Popular. São Paulo. 2005. 96p.

GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel. **Introducción a la Agroecología**. Cuadernos Técnicos SEAE: Sociedad Española de Agricultura Ecológica (SEAE), 2011.72 p.

LEFF, Enrique; CARABIAS, Julia. La cultura y los recursos naturales en la perspectiva del desarrollo sustentable: una nota introductoria. In: \_\_\_\_\_ **Cultura y Manejo Sustentable de los Recursos Naturales**. México: UNAM-Porrúa, 1993, v.1, p. 39-88.

LONDOÑO, O. L.; PALACIO, L., MALDONADO, F.; CALDERÓN, L. **Guía para construir estados del arte**. Bogotá, 2014, 39p.

MEYNARD, Francisca. Colombia: la agricultura familiar recién redescubierta. In: SABOURIN, E.; SAMPER, M. ; SOTOMAYOR, O. (Coord.). **Políticas públicas y agriculturas familiares en América Latina y el Caribe Balance, desafíos y perspectivas**. Santiago de Chile: CEPAL-Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 2014, p. 125-148.

NATES, Beatríz. **DE LO BREVO A LO MANSO: territorio y sociedad en los Andes Macizo Colombiano**. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2000. 333p.

PALACIOS, Marco. **El café en Colombia, 1850-1970 : una historia económica, social y política**. México, DF: Colegio de México, 2009.575p.

PNUD. PROGRAMA DE NACIONES UNIDAS. **El Campesinado: reconocimiento para construir país**. Colección Cuadernos del Informe de Desarrollo Humano-2011. Colombia: Bogotá, 2012. 128p.

ROMERO, Álvaro. Complementariedad ecológica en los cursos bajos y medios de los Valles Occidentales. **Dialogo Andino**, n.13, p.65-78, 1994.

SEVILLA-GUZMÁN, E. El Marco Teórico de la Agroecología. In: \_\_\_\_\_ **Desde el Pensamiento Social Agrario**. ISEC/ Universidad de Córdoba, 2006. 288p.

\_\_\_\_\_. **Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario**. La Paz, Bolivia : Plural editores, 2011. 168p.

TOCANCIPÁ, Jairo et al. **Cafeteros del Macizo Colombiano: re-creando historias en tiempos de crisis, corregimiento de El Paraíso (Sucre, Cauca)**. Popayán : Sello Editorial Universidad del Cauca, 2015.196p.

TOLEDO, Víctor; CARABIAS; Julia, MAPES, Cristina; TOLEDO, Carlos. **Ecología y Autosuficiencia Alimentaria**. México: Editorial Siglo XXI.1985. 118p.

TOLEDO, Víctor. Tres problemas en el estudio de la apropiación de los recursos naturales y sus repercusiones en la educación. In: LEFF, E. (Org.). **Ciencias sociales y formación ambiental**. México: Editorial Gedisa, 1994. p. 157-178.

TOLEDO, Víctor; BARRERA-BASSSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Expressão Popular. São Paulo. 2015. 272p.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. 192 p.

WOORTMANN, Klaas. O modo de produção doméstico em duas perspectivas: Chayanov e Sahlins, Brasília: **Série Antropologia, UNB**. n. 293, 2001. 28p.

